

PSICOLOGIA ANALÍTICA E NEUROCIÊNCIAS: UMA TENTATIVA DE COMUNICAÇÃO

2016

Alan Ferreira dos Santos

Graduando do Curso de Psicologia na Universidade Paulista (UNIP). Discente na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

E-mail de contato:

alanfs1995@gmail.com

RESUMO

Este artigo pretende demonstrar o possível intercâmbio entre a Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung (1875 - 1961) e a Neurociências, revelando que as esferas do psiquismo humano podem ser demonstradas experimentalmente, e não deixando de lado a fundamentação biológica, concretamente da neurobiologia e genética. Além disso ressalta-se uma possibilidade de relacionamento simbiótico entre as duas ciências.

Palavras-chave: Psicologia analítica, neuropsicanálise, psicanálise.

INTRODUÇÃO: O PROJETO DA PSICOLOGIA CIENTÍFICA EM FREUD (1895).

O intercâmbio entre neurociências e psicanálise é de longa data, desde de 1895 no "Projeto para uma psicologia científica" Freud (1856 - 1939) já dizia:



Vivo atormentado por duas ideias: descobrir que forma terá a teoria do funcionamento psíquico se nela se aplicar um método de abordagem quantitativo, uma espécie de economia da força nervosa, e, em segundo lugar, extrair da psicopatologia tudo o que puder ser útil à psicologia normal (Carta 25) (FREUD, 1895, p. 382).

O autor intenta construir uma psicologia, que esteja fundamentada na ciências naturais, não obstante com o passar do tempo, percebendo não haver a possibilidade de compatibilidade entre os processos psicológicos descobertos, e a transdução por meio de uma linguagem neurológica, abandona o projeto, caindo no ostracismo "Já não posso compreender o estado de animo com que concebi a "Psicologia"; nem consigo entender como fui capaz de importunar você com isso" (Carta 39) (FREUD, 1895, p. 384).

PSICOLOGIA ANALÍTICA E NEUROCIÊNCIAS.

As coisas mudaram e após 121 anos, com as descobertas da neurobiologia, da bioquímica do sistema nervoso e até mesmo de autores contemporâneos que retomaram tais relações, pode-se desenvolver diversos diálogos entre as ciências do cérebro e a psicanálise. E uma delas é dentro da psicologia analítica de Carl Gustav Jung (1875 - 1961) discípulo de Freud, que em sua época já fazia asserções sobre tais conexões:

O cérebro nasce com uma estrutura acabada, funcionará de maneira a inserir-se no mundo de hoje, tendo, entretanto a sua história. Foi elaborado ao longo de milhões de anos e representa a história da qual é o resultado. Naturalmente traços de tal história estão presentes como em todo o corpo, e se mergulharmos em direção à estrutura básica da mente, por certo encontraremos traços de uma mente arcaica (JUNG, 2011, p. 56).

O sistema nervoso por sua vez, detém uma estrutura com suas respectivas funcionalidades que retrata o desenvolvimento de sua evolução ao decorrer da história, Paul D. MacLean (1913 -

2007) neurofisiologista propõe um modelo denominado "cérebro triuno" que compreende a evolução funcional filogenética do cérebro, da qual Jung nos fala:

Tanto estruturalmente como na sua função o cérebro retrata a sua longa evolução. Apresentando-se constituído por estruturas características dos mamíferos mais evoluídos, que manifesta o seu mais alto grau de complexidade e desenvolvimento no homem. A seguir observam-se estruturas próprias dos mamíferos mais primitivos e estruturas que compartilhamos com os répteis. Esses três cérebros funcionam em uníssono, porém não em harmonia. Os etologistas dizem que a emissão dos comportamentos ambientalmente estáveis (invariantes) e ambientalmente instáveis (variantes) depende do funcionamento dos três subsistemas propostos por MacLean, e que integram circuitos neurais presentes indistintamente nos três cérebros (HARMATH, 2000, p. 2).

Além disso MacLean (1969) irá dizer que as três formações são radicalmente diferentes, na estrutura, na química e evolutivamente, no entanto constituem uma hierarquia de três cérebros em funcionamento uníssono (cérebro triuno). Dirá também que as funções psicológicas e comportamentais estão sob a direção conjunta de três diferentes mentalidades, mas que no seres humanos ocorre um fenômeno inusitado, das duas primeiras formações não dispõem de comunicação verbal. Essa ideia torna-se basilar para a concepção dos arquétipos à nível não mais especulativo, mas biológico genético, possibilitando uma abertura também ao campo das relações entre homem, natureza e os variados organismos, isto é, a ecologia:

Não há nada que impeça de assumir que certos arquétipos existam até mesmo nos animais, e que eles (arquétipos) se fundam nas peculiaridades dos organismos vivos e que, portanto expressam diretamente a vida, cuja natureza não pode ser em maior profundidade explicada. Não somente os arquétipos são aparentemente, as impressões incontavelmente repetidas de experiências, mas ao mesmo tempo, comportam-se como agentes que promovem a repetição dessas mesmas experiências (JUNG, p. 43-44 apud HARMATH, 2000, p. 2).

E:

Mas existem várias coisas na psique humana que não são aquisições individuais, pois a mente humana não nasce tabula rasa, nem sequer cada ser humano é dotado de um cérebro novo e único. Ele nasce dotado de um cérebro que é o resultado do desenvolvimento de incontáveis elos ancestrais. Esse cérebro é produzido em cada embrião com toda a perfeição diferenciada, e quando começa a funcionar, produzirá fielmente os mesmos resultados que foram produzidos inumeráveis vezes ao longa da linha ancestral. Toda a anatomia humana constitui um sistema herdado idêntico em sua constituição aos ancestrais e que funcionará da mesma maneira. Todos os fatores que foram essenciais aos nossos antepassados, recentes ou remotos, continuam essenciais para nós, estão embebidos no nosso sistema orgânico hereditário (JUNG, p. 371-372 apud HARMATH, 2000, p. 2).

A ciência avança a partir da complementaridade dos diversos saberes, nessa via, percebemos o desenvolvimento até aqui, daquilo que Freud havia dito:

A finalidade deste projeto é estruturar uma psicologia que seja uma ciência natural, isto é, que represente os processos psíquicos como estados quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis, dando assim a esses processos um caráter concreto e inequívoco (FREUD, 1895, p. 395).

Nesse sentido Carlos Byington (2003) irá desenvolver o que se denomina de "Neurologia Simbólica", ao invés de compreender a dependência química se atendo apenas ao aspecto físico-químico, fará o processo de compreensão das vivências individuais, familiares, socioculturais do paciente, e de como os aspectos simbólicos (descritos anteriormente) influenciam o funcionamento do sistema nervoso e dos neurotransmissores. O processo é de complementação, no sentido de compreender a toxicoddependência na sua relação entre o aspecto orgânico (adição) e simbólico (experiências subjetivas e relacionais).

CONCLUSÕES FINAIS

A questão seria perguntar: como as respectivas áreas podem se ajudar? É importante ressaltar que a psicanálise é visionária, e vislumbrou diversos fenômenos que estão sendo confirmados empiricamente apenas hoje, nessa via, por conta do modelo ser teórico e não quantitativo, não houve a necessidade de localizar os elementos químicos, as células e partes do sistema nervoso que correspondem aos processos psicológicos, haja vista é exatamente este o ponto, onde ocorre a comunicação, pois:

Segundo a Psicologia Simbólica, a Sombra se forma com suas defesas inconscientes pela fixação da elaboração de determinados símbolos e funções estruturantes, que passarão a ser expressos inconscientemente pela compulsão de repetição descoberta por Freud. Embasar o fenômeno da fixação ao lado da elaboração criativa dos símbolos no funcionamento dos neurotransmissores é hoje um grande desafio, principalmente quando nos damos conta que a fixação, além de ser responsável pelas adições, é a sede do crime e do mal na personalidade. Pesquisar neurofisiologicamente o fenômeno da fixação simbólica significa, por conseguinte, abrir a Neurologia para estudar a função estruturante da ética (BYINGTON, 2003, p. 4).

Nessa linha de raciocínio, o intercambio se produziria nesse sentido, com a psicanálise desenvolvendo descobertas no campo do psiquismo até mesmo, por conta da sua capacidade de ir além (por ser teórico) e a neurociências poderia formular suas questões a partir desta última, dizendo: Se a compulsão a repetição é um fenômeno observável, o que ocorre em nível químico em tal estado? E o que dizer da resistência? O que ocorre neurofisiologicamente na fixação? Quais são os processos bioquímicos da projeção? E da identificação?

A psicanálise fez descobertas imensuráveis na área do comportamento humano, resta uma fundamentação biológica comprovando seus achados, o que não é impossível, já que temos hoje a neurobiologia dos sonhos e da memória corroborando as principais teses psicanalíticas, por meio de comprovação experimental.

Para finalizar gostaria de dar um exemplo disso, sobre os experimentos de associação de palavras de Jung, que deram origem ao conceito, de complexo e de arquétipo:

Através destes experimentos, antes mesmo de conhecer Freud pessoalmente, Jung demonstrou fartamente que a razão da alteração no padrão de resposta de uma palavra-estímulo pode ser inconsciente e inexplicável para o sujeito da experiência, mas perfeitamente comprovada objetivamente (BYINGTON, 2007, p. 3).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

BYINGTON, C. A. B. **A Conceituação da Neurologia Simbólica para Estudar a Droga-Adição.** Prefácio do livro de Nassif, Suely e Rosa, José Tolentino. *Psiconeurologia na Dependência Química: Álcool e Drogas*, 2003.

BYINGTON, C. A. B. **Os Conceitos de Símbolo e de Função Estruturante como Ponte entre a Psicologia Analítica, a Psicologia Cognitiva Comportamental e as Neurociências**, 2007.

FREUD, S. **Projeto para uma psicologia científica.** Sigmund Freud Obras Completas, v. 1, 1895 [1996].

HARMATH, Carlos AC. **Psicologia Junguiana à luz da Neurociência**, 2000.

JUNG, Carl Gustav. **A vida simbólica.** Editora Vozes Limitada, 2011.

MACLEAN, P. D.: **A Triune Concept of Brain and Behavior.** University of Toronto Press. 1969.

